

ESSE ESTRANHO QUE EM MIM HABITA OU O EU É O ISSO?¹

ADRIANA ANTUNES DE ALMEIDA POLETTO

A casa estava vazia e uma luz de fim de tarde inundava a cozinha. Restos de luz penetravam na lavanderia. Poderia ser um dia qualquer, sem data ou hora. Como tantos que já se passaram. Mas, não. Há olhos que nascem dos minutos silenciosos. Como se morassem dentro das paredes e num determinado instante decidissem vir para fora. Ao cruzar pela porta que separa a cozinha da lavanderia, uma sombra, um ser, alguém havia entrado, não se sabe como, para dentro da casa e se punha contra luz. Uma silhueta sem contorno definido. Algo entre o vivo e o inanimado. Do mesmo modo como ocorrera quando tinha seis ou sete anos. Esse estranho que surge do nada, assustando e denunciando uma presença não desejada. Da mesma forma como quando criança, sacudiu a cabeça, abriu e fechou os olhos e eis que o tal alguém não passava de um monte de roupas amontoadas.

O trecho acima poderia ser a abertura de um conto, não tão bem elaborado quanto os de Kafka, mas com a mesma ideia do estranhamento. Ideia de desorientação em que não sabemos mais o que exatamente está diante de nós e o que não está. Talvez esse texto seja apenas uma escritura da inquietude da estranheza. Freud fala sobre a desorientação do *Das Unheimlich*², quando diante do neurótico se abre um lugar estranho, tão estranho que parece impor uma volta inesperada e não preparada para algo que foi perdido, podendo, a partir da raiz da palavra em alemão, se pensar na casa conhecida. Freud afirma que “o inquietante é aquela espécie de coisa assustadora que remonta ao que é muito conhecido, ao bastante familiar”³ e confirma o que já era sabido: aquilo que nos provoca medo, terror ou estranhamento é deixado de lado em prol da estética voltada à beleza. O estranho é algo que é destinado a permanecer oculto, mas que saiu à luz. Assim, o inquietante pode ser visto como sendo a incerteza, o assustador da castração, aquilo que é mantido oculto. No entanto, o que se oculta naquilo que também pode ser visto como

¹ Texto apresentado na Jornada do CPRS em 11 de maio de 2019.

² FREUD, Sigmund. O inquietante (1919). In: FREUD, Sigmund. *Obras Completas*, volume 14. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

³ Ibidem, p. 331.

estranho, como sinistro? Por que a relação com o outro, com o desejo do outro mobilizam nossa angústia? Dentro da ficção de horror, o sinistro aparece como sendo um duplo, mas ao contrário do que se poderia imaginar, pois a ideia de ter um outro poderia ser amenizadora da sensação de desamparo, causa justamente o contrário. De repente há um outro, que também deseja e que, num primeiro momento, parece ser monstruoso, funesto, talvez um mau presságio.

Essa conferência aponta para inúmeras direções, mas uma ganha destaque, a repetição neurótica. Sim, porque de tempos em tempos, nos dias em que os minutos ganham olhos, um fantasma ressurgente do esquecimento, pois o esquecimento também é uma modalidade de lembrança. Há dias em que o conteúdo adentra a consciência. Garcia-Roza diz que só há o estranho se houver repetição⁴. Mas, não podemos ver a repetição como reprodução apenas. Repetir é o retorno com algo, mas diferente, novo, reatualizado, por isso tão difícil de detectá-lo, além de carregar em si uma ideia de sinistro. Para Freud a repetição involuntária produz o estranhamento e a incerteza. Assim o estranho que em nós habita reaparece denunciando uma compulsão à repetição, tema que Freud irá aprofundar no ano seguinte em *Além do princípio do prazer* (1920). Quinodoz afirma que para Freud o sentimento de unheimlich “constitui uma das características típicas do recalque, pois indaga o que parece estranho a nós mesmos e não se deixa reconduzir a um complexo infantil outrora familiar, que se encontra reavivado?”⁵. Para Garcia-Roza, o recalque é uma espécie de operação psíquica que procura repelir ou manter no inconsciente representações que são ligadas a uma pulsão⁶. O recalque é constitutivo, é uma fronteira entre o inconsciente e o consciente, na qual o conflito entre passado e presente é mantido sob a égide da angústia (perda, limites).

Freud⁷ constrói a ideia de o *Inquietante* a partir do conto de E.T.A. Hoffmann, *O homem da areia*, e sugere também que o estranhamento possa surgir da angústia

⁴ GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Acaso e repetição em psicanálise: uma introdução à teoria das pulsões*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986, p. 24.

⁵ QUINODOZ, Jean-Michel. *Ler Freud*. Guia de leitura da obra de S. Freud. Tradução Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2007, p. 187.

⁶ GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Freud e o inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

⁷ FREUD, Sigmund. O inquietante (1919). In: FREUD, Sigmund. *Obras Completas*, volume 14. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, p. 349.

da castração. Então de repente é como se a chave encontrasse a fechadura e a grande porta se abre para o inconsciente, num processo labiríntico e infinito. Também irônico, pois tal qual crianças, desejosas espiamos pela rachadura do muro, pelo buraco e de repente o que olhamos também nos olha. Para Freud essa inquietude, estranhamento, estaria ligada ainda ao narcisismo secundário, comum na vida psíquica tanto das crianças quanto do homem primitivo, e, a partir da superação dessa fase, esse estranho duplo passaria de garantia de sobrevivência para mensageiro da morte⁸. Estaria o estranho relacionado, conforme Freud, à ideia de onipotência dos pensamentos, a uma antiga concepção animista do universo que foi recalcada e tenta retornar à consciência.

Até porque encarar a realidade e o que é fora do comum sempre causa desconfiança e às vezes até mesmo hostilidade. Daí então a ideia de que o estranho surge como se fosse uma incerteza sobre a realidade cotidiana. Nesse sentido, surge também a comparação com o comportamento infantil e o dos homens primitivos em que o estranho figura como sendo um fenômeno inexplicável. Algo que parece mais pertencer ao âmbito religioso ou da magia. A fantasia que se cria a partir disso poderia ser vista como um fator que causa enfraquecimento do senso crítico. Outro aspecto interessante dentro desse contexto de pensamento mágico é que o pressentimento pudesse se tornar realidade ou que algo pudesse acontecer a partir do pensamento do sujeito. Freud trata esse comportamento como sendo uma onipotência de pensamentos⁹, como se fosse uma superestimação narcisista dos próprios processos anímicos.

As questões que se colocam, para além do pensamento mágico, são como algo tão familiar pode tornar-se estranho? Que alterações ocorreram para que o familiar se tornasse estranho? Afinal, que ser é esse que nos atravessa quando não estamos, aparentemente, preparados para recebê-lo? Quem é esse estranho que nos olha e, ao nos olhar, dilacera-nos ao mesmo tempo em que somos dilacerados por nós mesmos? E quando, por segundos, percebemos uma presença que nos amedronta, em seguida

⁸ Ibidem, p. 352.

⁹ FREUD, Sigmund. Totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914). In: FREUD, Sigmund. *Obras Completas*, volume 11. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

somos jogados para a sua ausência, impondo um contato já suspenso. Estamos diante de um limiar que parece denunciar um paradoxo, uma cisão, uma brecha que se abre no tempo e no espaço em que vemos pelo que nos olha. Seria um duplo de nós mesmos?

Otto Rank investiga as relações da figura dupla. Para ele, o duplo “são [...] duas existências diferentes da mesmíssima pessoa, separadas pela amnésia”¹⁰. Seria uma espécie de criação subjetiva espontânea podendo ou não ser uma atividade doentia da fantasia. A primeira noção do duplo que temos é referida na “República”, de Platão, e logo depois, em “O Banquete”, em que o dualismo, representado pelo corpo e alma e pela dupla realidade da consciência separada do corpo, acaba por se transformar numa busca também pela metade faltante ou recalçada. Slavutsky vai dizer que deparar-se com o estranho ou perceber-se do duplo não é angustiante, mas torna-se angústia quando não se sabe quem se é. Para ele, “a insistência dessa questão angustiante se deve ao fato de que ora a gente é bom, ora mau, ora refinado no comportamento, ora capaz de grosserias, ora ama, ora odeia, ora confia, ora tornar-se subitamente desconfiado – logo, quem mesmo é cada um?”¹¹. Adentramos assim, tanto no assunto quanto na experiência, numa espécie de labirinto como o de Ariadne, em que somos os únicos responsáveis pela sua construção? Ou por sua direção? Qual o caminho que conduz à saída? A saída, como toda saída sugere, é desenrolar o fio da meada-novelo. Acompanhar o percurso do espaço, da linha que marca os caminhos. Mas quem procura quem? E a porta da saída seria a origem do princípio? Encontrar-se com esse estranho que em nós habita é dar-se conta de que estamos entre um diante e um dentro. Uma ambivalência. Parece que somos condenados à contradição, a oscilação entre diferentes modos de relação, angústias, estados emocionais e possibilidades de simbolização. Seria essa uma porta que dá acesso ao desejo? Talvez a que abre para a busca do objeto? Ou para a coisa interdita?

O próprio Freud levanta muitas hipóteses para compreender o que é o estranho e talvez aquilo que, negado no estranho, ressurge com nova força com o intuito de ser reelaborado, ressignificado. Seria a nossa sombra sendo levada à consciência,

¹⁰ RANK, Otto. *O duplo* – um estudo psicanalítico. Porto Alegre: Dublinense, 2013, p. 38.

¹¹ SLAVUTSKY, Abrão. *Quem pensas tu que eu sou?* São Leopoldo: Unisinos, 2009, p. 84.

ou, como nos explica Mello, “o ego projeta para o mundo exterior aquilo que rejeita em si mesmo, percebido como algo estranho (Unheimlich: não familiar) e perigoso”¹². Seria aquilo que toca no sinistro que vive em nós?

Heidegger¹³ vai dizer que esse espaço do encontro que se articula só é acessível pela desumanização do mundo ambiente. É uma ideia próxima daquilo que o próprio Freud fala sobre o estranhamento que se dá entre o que é vivo e o que é inanimado. Quando as instâncias objetivas desaparecem, ou quando a atividade psíquica é maior que a realidade externa. É quando o aí se depara com o aqui e neste interlúdio algo se abre e se faz perceber. Ficamos então diante do estranho, petrificados e atraídos. Seria a compulsão pela repetição uma versão das nossas diferentes mortes? O que teve fim e o que um dia terá fim? O estranho que remete ao familiar, à casa, à mãe, ao espaço fechado e conhecido e reconhecido do berço ou do ataúde? De repente esse algo inquietante parece precisar ser erguido, erigido, reverticalizado num encontro olho a olho e o que ele nos propõe senão o encontro com o que não tem nome ou com aquilo que podemos chamar de inconsciente? Seria essa a condição de sentir-se estrangeiro habitando esse mesmo lugar inquietante, o do desamparo? E esse outro, poderia desdobrar-se e figurar na figura do analista? Poderia ser o espaço do divã? Esse estranho familiar, distante e profundo, inacessível por excesso ou por falta que se põe diante de nosso olhar e tem a capacidade de nos fazer sentir olhados é quem afinal? Seria possível ainda assim, a partir de uma outra capacidade de olhar, depararmo-nos com a faceta mortífera do narcisismo que expõe nosso dilema primordial e paradigmático de amar o outro e não somente investir a própria libido apenas em si mesmo? Perceber que não se pode ser apenas um sujeito que se basta a si mesmo? Que o duplo, ao mesmo tempo em que talvez denuncie um outro reflexo do espelho, como Narciso, que seduz e apaixona, assim como assusta, poderia apontar para que se pudesse ser um outro? Seria esse dar-se conta o reconhecimento de nossa porção Minotauro?

¹² MELLO, Ana Maria Lisboa de. As faces do duplo na literatura. In: INDURSKY, F; REYES, Y. *Ler e brincar: tecer e cantar*. Literatura, escrita e educação. Trad. Rodrigo Petrônio. São Paulo: Pulo do Gato, 2012, p. 122.

¹³ HEIDEGGER, Martin. *O Ser e o tempo*. 10ª ed. São Paulo: Vozes, 2015, p. 143.